

Mensageira da paz e do bem

Homenagem: Laboratórios de Técnica Dietética e Análise Senrial

O presente artigo retrata aspectos da vida e do legado da Dra. Zilda Arns Neumann. Sua caminhada serve de inspiração para enfrentarmos os desafios atuais e nos ajudam a refletir sobre os diferentes campos da construção da cidadania plena em nossa sociedade. O UniBrasil a homenageou e dedicou seu nome ao laboratório do curso de Nutrição. O local, atualmente, beneficia centenas de professores e estudantes com o desenvolvimento de pesquisas e conhecimentos técnicos na área de alimentos.

Suas lembranças estão presentes desde a minha infância. Sempre estivemos próximos e essa afinidade cresceu com o passar dos anos. Tínhamos apenas quinze anos de diferença. Era ela quem cuidava de mim, quando criança, nas ocasiões em que meus pais precisavam de ajuda. Com o passar dos anos, sempre acompanhei o trabalho daquela que se tornou médica pediatra, sanitarista e grande liderança, reconhecida no Brasil e no mundo, mas que me pedia para chamá-la de tia Zilda.

Com um olhar especial sobre como proteger e promover a vida, ela dedicou grande parte de sua trajetória aos cuidados com a saúde de crianças, gestantes e suas famílias. Atuou, inicialmente, na Associação Saza Lattes de proteção à maternidade e infância, período no qual desenvolveu um trabalho de presença nas comunidades que precisavam de atenção. Em seguida, por solicitação de seu irmão, Dom Paulo Evaristo Arns, na época Cardeal de São Paulo, recebeu a incumbência de iniciar um trabalho social e pastoral voltado ao desenvolvimento de comunidades em regiões de pobreza, com ênfase na promoção da saúde e prevenção de doenças e da mortalidade infantil.

Estive com ela em muitas das visitas às comunidades e pude vivenciar o início da caminhada que culminou na escolha do município de Florestópolis, no norte do Paraná, como ponto de partida para a criação da Pastoral da Criança, em 1983. Florestópolis reunia todos os desafios que a Pastoral da Criança precisava enfrentar, como alta taxa de mortalidade infantil e baixos índices de desenvolvimento socioeconômico.

AUTOR

Flávio Arns

Senador da República pelo estado do Paraná; PhD em Linguística pela Universidade Northwestern (EUA); membro da Academia Paranaense de Letras.



Dom Paulo Evaristo Arns, Zilda Arns e Flávio Arns



Zilda Arns e Flávio Arns.

Desde então, ela passou a utilizar todo seu conhecimento científico e capacidade de liderança na formação de equipes para buscar resultados práticos que trouxessem mudanças na vida daquelas pessoas. Foram medidas simples, mas eficazes, como o uso do soro caseiro, que ela chamava de “carro abre-alas” devido aos benefícios imediatos que provocava nas crianças e que abria portas para as demais ações junto às famílias. Ela sempre dizia: “nunca se deve complicar o que pode ser feito de maneira simples”. Esse lema se traduzia em textos e materiais com linguagem de fácil entendimento, com embasamento científico e que chegavam até as lideranças da comunidade.

O grande trunfo da Pastoral da Criança sempre foi e continua sendo o poder de mobilização das comunidades. Nesses 37 anos de história, milhões de crianças foram atendidas por centenas de milhares de voluntários que formam uma imensa rede de solidariedade por todo o país. Essa organização do povo sempre foi defendida por ela, que também incentivava a participação das lideranças em instâncias colegiadas, como os conselhos municipais, estaduais e nacionais, e lutava para que essa participação se transformasse em políticas públicas. A organização do povo era considerada por ela como um dos “efeitos colaterais” mais importantes da Pastoral da Criança, que resultou em pessoas mais conscientes de suas realidades e seus direitos.

Ao longo dos anos, o trabalho evoluiu e se expandiu para outras áreas e públicos diversos. Com base nas

necessidades sentidas pelas famílias acompanhadas, a Pastoral da Criança buscou também caminhos para questões sociais como geração de emprego e renda, prevenção de deficiências, enfrentamento à violência doméstica, saúde mental, segurança alimentar e nutricional e muitos outros. Em 2004, atendeu a um pedido da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e fundou a Pastoral da Pessoa Idosa. Acompanhei a evolução desta organização que, hoje, está presente em todo país e tem uma metodologia similar ao trabalho da Pastoral da Criança, ou seja, organiza voluntários nas comunidades para assegurar a dignidade e a valorização integral das pessoas idosas, por meio da promoção humana e espiritual e o respeito aos seus direitos. O objetivo é que as famílias e as comunidades convivam respeitosamente com as pessoas idosas. Neste período de pandemia da Covid-19, doença conhecida como novo Coronavírus, lembrei de maneira especial da tia Zilda. Ela preparou uma legião de pessoas que hoje se dedicam ao bem-estar dos cidadãos com maior risco de complicações com a doença, que são as pessoas idosas.

O respeitado trabalho junto às pessoas mais vulneráveis contava sempre com o seu sorriso, contagiante e sereno, como suas palavras. A simplicidade na comunicação e o carisma eram sua marca pessoal. Em um tempo em que facilmente dispensamos as formalidades e mesmo gentilezas ao nos comunicarmos, com mensagens que trafegam com rapidez por uma rede virtual, lembro-me de um gesto simples que ela adotava, mas que era uma estratégia certa. Ela sempre carregava cartões em branco em sua bolsa. Quando queria tocar mais profundamente o coração das pessoas, escrevia uma mensagem à mão e assinava. Esta era uma atitude que servia tanto para lembrar as pessoas de encaminhamentos acordados quanto para sensibilizar autoridades públicas, empresários, lideranças sociais e religiosas. A saudação era sempre a mesma: “Paz e bem!”, típica de quem acredita na fraternidade entre os povos. Suas mensagens chegaram a centenas de milhares de pessoas. Escrevia muitas cartas para agradecer o empenho dos voluntários e pessoas de boa vontade. Outras, para convidar os governos e a sociedade a unir esforços para promover e defender a vida. Cartas também



Zilda Arns e Flávio Arns



foram escritas para mostrar o resultado do trabalho, prestar contas, cobrar providências, promover o diálogo e apontar caminhos.

A mensagem de vida plena para todas as crianças e famílias, que se tornou o grande legado da Pastoral da Criança e da Pessoa Idosa, foi defendida por ela desde o início de sua caminhada até o fim de sua vida, no Haiti. Ela viveu sua vida como missão e morreu em missão, defendendo que todos tenham vida plena, independentemente do país em que vivem. Pude vivenciar esse reconhecimento no período em que estive no Haiti, em janeiro de 2010, para trazê-la ao Brasil depois do terremoto que vitimou tantas vidas, inclusive a dela. Recebi as condolên-

cias de pessoas de diversos países que conheciam seu trabalho e reconheciam a importância de suas ações para a construção de um mundo melhor e mais justo. A tia Zilda morreu em missão, mas permanece viva nos voluntários que levam adiante o seu trabalho, no seu exemplo de vida e nos textos que refletem a sua maneira de ver o mundo e que nos servem de inspiração para acreditarmos no poder de transformação da sociedade a partir do esforço de cada pessoa. Uma maneira de conhecer mais sobre sua história é visitar o Memorial Dra. Zilda, que faz parte do Museu da Vida, em Curitiba.

Zilda Arns foi uma mulher de coragem, que aceitou o convite de transformar a vida de milhares de pessoas no Brasil e em dezenas de países. Ela viveu para defender e promover as crianças e suas famílias, gestantes e idosos. Deixou sua marca na história e doou a sua vida para construir uma sociedade mais justa, fraterna, com menos doenças e sofrimentos. É como ela costumava dizer: "Há muito o que se fazer, porque a desigualdade social é grande. Os esforços que estão sendo feitos precisam ser valorizados para que gerem outros ainda maiores". Vamos em frente.

